Pedagogia ou Ciências da Educação

Albano Estrela in
Pedagogia, Ciência da Educação

Do ponto de vista do método científico, o conhecimento do real constitui a primeira etapa de trabalho. Ora, em minha opinião, a Pedagogia, enquanto Ciência da Educação, só agora se começa a constituir em corpo científico, passando a responder a essa exigência. A partir dos dados recolhidos por observação, começamos a obter os primeiros descritivos caracterizadores de um campo específico, o pedagógico. No plano da experimentação, apenas se dispõe de trabalhos fragmentários que, embora válidos em si mesmos, não constituem um corpo científico devidamente estruturado. Aliás, é natural que assim aconteça, pois uma ciência começa sempre por ser «descrição».

A principal dificuldade reside precisamente na «caracterização» das situações em que temos de exercer a nossa acção, ou seja, a partir das quais haverá que construir o projecto de intervenção. O professor «olha» para a sua classe, mas não a «vê». Não dispõe de instrumentos nem de metodologias de observação que lhe permitam detectar fenómenos de ordem pedagógica. Conhece alguns problemas, mas de forma subjectiva, pois não sabe dar-lhes uma expressão objectiva. Por exemplo, a opinião do formador sobre uma classe (ou um aluno) é tão válida como a de um formando, pois ambas decorrem de interpretações eivadas de um maior ou menor grau de subjectividade.

A necessidade de cientificação tem levado o interventor pedagógico a recorrer a conceitos e a métodos de ciências já constituídas, que poderão ter aplicação no seu campo específico - o da Educação. A Psicologia, a Psicanálise, a Sociologia, a Psicossociologia, a Economia têm representado as principais ciências de recurso. Normalmente, os seus diagnósticos são seguros, as hipóteses emitidas são fecundas. No entanto, o seu valor para o professor ou para o investigador pedagógico é, quase sempre, diminuto ou mesmo nulo. Constituem análises paralelas à problemática que lhes é específica. Na verdade, quando o psicólogo trabalha no campo educacional, não faz (nem pode fazer) Pedagogia: aplica conceitos e métodos da sua ciência a um dos diversos campos da actividade humana - o da Educação. Os resultados são, pois, de ordem psicológica, como o seriam se o psicólogo exercesse a sua acção no campo do trabalho, da clínica ou outro. O mesmo, evidentemente, se poderá dizer das outras ciências.

Os resultados das ciências que se dedicam ao estudo dos fenómenos da Educação (impropriamente designadas por Ciências da Educação), embora válidos em si próprios, apresentam, geralmente, interesse limitado para o pedagogo pela simples razão de que este só parcialmente poderá integrar conhecimentos de outros ramos do saber. Um fisiólogo que estude o Homem precisa de conhecer, por exemplo, dados da Química, da Física ou da Psicologia, a fim de aumentar o potencial e. cativo do seu discurso científico. E, ao fazê-lo, abordará, também, de modo mais fino (e específico) os fenómenos da sua ciência. Mas pode fazê-lo porque tem um quadro teórico de referências e uma prática metodológica que o centra no campo e o delimita de campos afins. Assim, quanto mais se situar na sua disciplina (disciplina que não é redutível a outras, acentue-se), mais possibilidades terá de trabalhar no campo da interdisciplinaridade.

Ora, isso não acontece com o pedagogo.

A fim de que a questão fique melhor elucidada, pensamos que se torna necessário alargar a discussão, desenvolvendo alguns aspectos da problemática da epistemologia da Educação, enquanto campo de actividade da ciência.

Note-se que a expressão «Ciências da Educação» «não é o resultado de moda», como escreve Mialaret, mas «alguma coisa de mais profundo e que corresponde a uma nova realidade». Aparece, com efeito, num momento bem determinado, quando se impunha uma solução para as carências científicas surgida uma prática empírica da Pedagogia. As Ciências da Educação aparecem, por como um conjunto de abordagens científicas de um real «pedagógico». Aparentemente trata-se de um progresso, pois o fenómeno educativo passa a ser susceptível de um tratamento científico. No entanto, esta «passagem do singular ao plural deixa de ser equívoca e, como nota Avanzini, levanta sérias interrogações de base que afectam o seu estatuto epistemológico. **O carácter discutível e quase arbitrário (por falta de um sólido critério de base) das tentativas de classificação das Ciências da Educação são a melhor prova da falta de definição do seu estatuto**. Enquanto Ciências Aplicadas (na definição de Clausse aceite por Avanzini) teriam como objecto, por um lado, «os múltiplos aspectos da realidade do indivíduo outro lado, as condições pelas quais se efectua a obra educativa... enfim, as técnicas instrumentais pedidas por empréstimo às diferentes disciplinas e aplicadas ao objecto específico da acção pretendida». Ora, em minha opinião, o que se afirma equivale não só a uma indefinição e extrapolação de objecto e de método, como a negação da Pedagogia enquanto ciência. Com efeito, a Pedagogia transforma-se num campo de aplicação dos princípios de outras ciências e reduz-se a uma prática que se fundamenta em metodologias e teorias que pertencem a outros domínios científicos.

Quando se analisa o fenómeno educativo sob o ângulo de outras ciências, já constituídas (Psicologia, Sociologia, Fisiologia, Economia, História), são, na verdade, os objectos da teoria e da prática dessas ciências que são detectados. Portanto, a especificidade do fenómeno educativo fica totalmente diluída, tanto ao nível da prática como ao da formulação teórica. Com efeito, uma ciência constitui-se quando ela encontra o seu próprio objecto, isto é, quando um determinado concreto é passível de uma determinada inteligibilidade através de um conjunto coerente de teorias explicativas, construídas a partir de uma prática específica de metodologias estruturadas.

O exemplo da Psicanálise, dado por Althusser, é elucidativo: o objecto será o inconsciente; 0 método, as técnicas psicanalíticas; a teoria, os conceitos elaborados a partir dos resultados pela aplicação do método ao seu objecto específico (o Inconsciente).

Com o fito de encontrar um objecto próprio à Pedagogia, surge, por vezes, uma noção aparentemente diferente: a Pedagogia seria uma ciência aplicada. Invoca-se a distinção entre ciência pura e ciência aplicada, mas o problema subjacente é sempre o mesmo: a falta de estatuto científico da Pedagogia. De qualquer modo, a distinção dos conceitos é arbitrária. Algumas correntes epistemológicas contemporâneas chamam a atenção para a falta de fundamento da distinção. O materialismo dialéctico já havia posto em evidência a abstracção que representa o conceito de ciência aplicada; toda a ciência é sempre uma ciência de um concreto e, através dele, ela identifica-se enquanto teoria e prática. Assim, a uma ciência corresponde apenas um objecto - o seu objecto. Uma ciência aplicada será, portanto, uma pseudo-ciência, uma ilusão de óptica: trata-se de um campo diferente apenas na aparência daquele em que a ciência exerce normalmente a sua actividade de inteligibilização do real.

Se quiséssemos levar mais longe a discussão, tornar-se-ia necessário ir à origem das noções de ciência pura e de ciência aplicada. Pensamos, no entanto, que o problema está suficientemente esclarecido pelas metodologias de análise científica que o materialismo dialéctico introduziu no domínio epistemológico, metodologias que têm a sua razão de ser na articulação dialéctica da teoria e da prática. Assim, a aceitação destas metodologias (note-se que não dizemos do sistema filosófico) leva-nos a concluir que a distinção entre ciências puras e ciências aplicadas é um artifício ideológico. A partir do que acabámos de dizer, poderemos concluir que a Pedagogia não existe, ainda, enquanto ciência e que o «corpus» formado pelas Ciências da Educação não constitui uma resposta válida para que a Pedagogia adquira o estatuto de Ciência. Pelo contrário, tirando-lhe ou escamoteando-lhe o seu objecto próprio, elas apenas poderão constituir uma etapa, talvez necessária: a etapa pré-científica da Pedagogia, na qual se procura definir uma abordagem científica, mas onde se não reconhece, ainda, um «irredutível» pedagógico, susceptível de a definir enquanto ciência. O momento de ruptura epistemológica com as outras ciências ainda não chegou - elas constituem, em última instancia, o seu principal «obstáculo».

Note-se que não estamos a defender um regresso epistemológico (anacrónico) ao positivismo de Compte. Tampouco desvalorizamos o ideal da interdisciplinaridade ou da transdisciplinaridade. Apenas pretendemos dizer que a fase interdisciplinar, traduzida pela expressão «Ciências da Educação», representa um salto evolutivo num campo do saber ainda mal definido (e que não pode ser identificado através dessa expressão). Representa igualmente um «queimar» de etapas que a história das outras ciências nos mostrou serem necessárias.

Se limitarmos a Pedagogia (por artifício e facilidade operacional de análise) ao campo da acção educativa exercida por um agente ou por uma instituição de formação, reconhecidos estatutariamente enquanto tal, isto é, se restringirmos a Pedagogia ao âmbito do escolar e do para-escolar, poderemos verificar mais facilmente algo do que temos afirmado.

Dentro desta perspectiva, se tomarmos a «classe escolar» como referência central do real pedagógico, seremos levados a formular alguns dos problemas da Pedagogia em moldes diferentes dos que têm sido efectuados:

1.° - As ciências ditas da «Educação» (e que também são do «Trabalho», da «Clínica», etc.) estudam a criança, o adolescente, o adulto, mas não o aluno, isto é, o indivíduo numa situação específica de ensino-aprendizagem;

2.° - O «irredutível pedagógico» resulta exactamente da especificidade dessa situação: a aprendizagem insere-se num processo bem definido, em termos de objectivos e estratégias de ensino e de meios de avaliação dos «produtos» desse ensino. Nesse processo, o «agente» (professor) e o «agido» (aluno) desempenham papéis bem determinados, aos quais, correspondem estatutos igualmente precisos. Se o acto pedagógico tem um carácter teleológico, como salientam Clausse e Avanzini, o campo pedagógico, como escreve Filloux, «é definido em relação ao professor e ao aluno por um saber que, de diversas maneiras possíveis, é comunicado ou se comunica»'. A intencionalidade do acto pedagógico e a sua ligação directa ou indirecta ao saber são aspectos importantes da sua especificidade.

3.° - Os papéis e os estatutos dos intervenientes no processo pedagógico decorrem da sua inserção na instituição de formação e da relação de «autoridade» resultante do que age (que detém duas formas de poder - o do «saber» e o do «saber actuar») e do que é agido (a quem cumpre sofrer um «aprender» e um «transformar-se»).

4.° - A fim de se detectar a realidade da Pedagogia (Pedagogia, Ciências da Educação), haverá que modificar radicalmente a sua fundamentação epistemológica e a sua prática de investigação.

A Etologia, compreendida como uma biologia de comportamento, veio-nos dar novas perspectivas teóricas; a Antropologia Cultural, enquanto ciência que estuda o Homem em situação, tem possibilidades de nos fornecer métodos de observação e de análise mais consentâneos com a nossa vida científica.

5.° - O esforço que urge fazer incide, principalmente, na «caracterização» de situações e de acções do grupo-classe, em relação ao qual deverão convergir técnicas e instrumentos de observação e de análise de dados.

O princípio da análise do « comportamento em situação » deverá sobrepor-se ao da análise do «comportamento em si mesmo», o que leva a observação a desempenhar um papel central na montagem do dispositivo experimental.

Por isso, a generalização do conhecimento decorrerá da utilização da homologia e da analogia, como método de comparação de comportamentos detectados em situações específicas.

De tudo o que foi dito, conclui-se que a tarefa principal que se impõe à Pedagogia é a sua ruptura epistemológica com as chamadas Ciências da Educação. Ora, esse momento de ruptura aproxima-se, na medida em que a investigação dos últimos anos se centra fundamentalmente no plano do levantamento dos factos pedagógicos, ou seja, na observação e na descrição de uma determinada realidade científica.